

TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DIFICULDADES E DESAFIOS PARA PROFESSORES

Marcela Vieira Pereira Mafra*
Davi Alexandre da Costa Flores**

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivos identificar como os professores concebem o trabalho de campo, descrever as dificuldades e apontar os aspectos positivos do desenvolvimento de trabalho de campo na perspectiva de professores de Geografia e do ensino dessa disciplina escolar. A pesquisa foi realizada em julho de 2015, com base em informações fornecidas por professores de Geografia da Educação Básica participantes do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. Para garantir a imparcialidade na obtenção dos dados, foi realizada a Amostragem Probabilística Aleatória Simples. A pesquisa revelou que os professores entendem que o trabalho de campo estimula a autonomia na aprendizagem, permitindo que o discente se sinta protagonista dentro do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, ele auxilia na socialização entre professor-aluno e aluno-aluno, tornando a aprendizagem mais dinâmica e prazerosa. No entanto, os professores possuem muitas dificuldades em desenvolver, tanto que não há uma regularidade no uso dessa metodologia e na estratégia para avaliar a atividade desenvolvida.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Trabalho de Campo.

1 INTRODUÇÃO

A prática de campo pode ser desenvolvida em diversos níveis educacionais, abrangendo desde as séries iniciais até os cursos de pós-graduação. No entanto, é fato que essa ferramenta teórico-prática está mais presente nos cursos universitários.

* Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior. E-mail: mvieira@uea.edu.br

** Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: davi_flores1@hotmail.com

Ao abordar a Prática de Campo nesse trabalho, foi feita a opção pela definição conceitual elaborada por Silva (2002, p. 3):

Como instrumento, técnica, método ou meio - o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. Ou, em decorrência de experiência mais recente vinculada à formação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes à prática social.

Logo, no caso do ensino de Geografia, fica explícito que o simples fato de proporcionar atividades fora do ambiente da sala de aula não caracteriza uma Prática de Campo, pois é necessário haver uma intencionalidade da atividade voltada para a descrição e análise das relações e organizações dos elementos que compõem o espaço envolvendo elaboração conceitual e reflexão crítica acerca da realidade em estudo.

Assim, o presente trabalho tem como objetivos identificar como os professores concebem o trabalho de campo, descrever uma experiência, indicar as dificuldades observadas nela para a realização do trabalho de campo e apontar os aspectos positivos do desenvolvimento de trabalho de campo na perspectiva dos professores de Geografia da rede pública de Manaus.

A pesquisa, realizada em julho de 2015, foi feita com base em informações fornecidas por professores de Geografia da Educação Básica participantes do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Geografia oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas. Para garantir a imparcialidade na obtenção dos dados, foi empregada a Amostragem Probabilística Aleatória Simples. O curso possuía quatro turmas e foi efetuado sorteio para definir qual turma responderia ao questionário e, dessa forma, todas as turmas tinham a mesma chance de serem selecionadas. Após definida a turma, utilizou-se um questionário semiestruturado como instrumento de coleta de dados que foi aplicado a 20 professores. Posteriormente, houve uma roda de conversa com os professores e, assim, foi possível ampliar a discussão acerca das dificuldades e dos desafios de realizar atividades práticas de campo. Em seguida, os dados foram tabulados, descritos, analisados e interpretados.

2 A PRÁTICA DE CAMPO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Historicamente, a herança deixada pelos geógrafos naturalistas no que diz respeito à prática de campo constituiu em uma importante contribuição como ferramenta teórico-prática para a Geografia. Atualmente a prática de campo se insere em diversos níveis educacionais, abrangendo desde a educação básica até o nível superior. Há diversas denominações que fazem alusões às atividades que envolvem a análise *in loco*. Nesse sentido, optou-se pela definição conceitual elaborada por Silva (2002, p. 3) sobre trabalho de campo que, no nosso entendimento, é a que mais se identifica com a prática de campo no ensino de Geografia, conforme expressa citação da autora que fizemos antes na introdução.

Logo, a prática de campo na Geografia escolar básica pode promover o exercício de observar, sentir e refletir, possibilitando novas leituras e interpretações sobre a realidade e a paisagem, as quais, na maioria das vezes, somente o ensino em sala de aula não possibilita o contato direto com o objeto de estudo.

A esse respeito, corrobora Furlan (2005, p.109) colocando que:

[...] É importante apurar e treinar a observação. O hábito da observação, de seu registro e de sua interpretação, leva à compreensão do nosso ambiente. A importância da observação não consiste apenas em aproveitar informações visuais, que podem levar à inferência de propriedades menos aparentes do meio. É preciso considerar seu papel na educação do olhar a favor de uma maior sensibilização sobre o ambiente que nos cerca.

Sendo assim, a prática de campo no ensino de Geografia na educação básica é uma alternativa que pode romper com o chamado “ensino tradicional” por permitir a verificação de determinados processos e aspectos naturais e/ou sociais da realidade e relacioná-los ao dia-a-dia do discente de forma a proporcionar uma observação direta dos fenômenos estudados e o rompimento com uma visão abstrata dos conteúdos.

A partir disso, para que a aprendizagem seja proporcionada por um ensino que busque ser inovador, ou seja, que saia do “ensino tradicional”, é imprescindível que seja proporcionado um ensino que possibilite o estímulo por meio de condições reais como nos aponta Kimura (2014, p.78).

Os alunos podem verificar as mudanças das condições reais de temperatura, umidade, insolação e compará-las em diferentes locais. São procedimentos para o aluno transpor o nível da percepção imediata e elaborar paulatinamente o conceito, construindo-o a partir dos elementos da realidade percebidos, observados, analisados, compreendidos e, assim, incorporados, na aceção de que estão interiorizados no corpo.

No que concerne às práticas de campo, os PCN de História e Geografia das primeiras séries do Ensino Fundamental sugerem como “orientação didática” as excursões como parte, por exemplo, da leitura da paisagem, no processo de observação → descrição → explicação para compreender a interação dos fatos e a essência do que foi estudado (BRASIL, 2000, p.152-159).

Assim, a prática de campo, quando inserida no conjunto das práticas de ensino da Geografia, ultrapassa o enciclopedismo e afirma-se como essencial para o aprendizado do discente, servindo para a sua formação, proporcionando a construção do olhar geográfico.

Além disso, ela estimula a autonomia na aprendizagem, permitindo que o discente se sinta protagonista e sujeito ativo dentro do processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo relações e não apenas sendo um mero receptor de conhecimentos. Nesse sentido, os PCN de História e Geografia afirmam que a prática de campo como recurso didático “[...] favorece uma participação ativa do aluno na elaboração de conhecimentos, como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, da interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações” (BRASIL, 2000, p. 91).

Ainda como contribuição a prática de campo pode motivar o aluno, pois é uma abordagem cujos elementos são apresentados de forma concreta (palpável) e através da observação direta conduz os discentes para uma compreensão dos processos aos quais se objetiva desvendar sobre a dinâmica da natureza e a sua relação com o homem.

Por conseguinte, há oportunidade de, por meio do contato real, sensibilizar os discentes sobre os desequilíbrios ambientais e, concomitantemente a isso, estimulando-os para um pensamento crítico.

De acordo com Stefanello (2011, p. 52), a prática de campo, “[...] nesse sentido, propicia ao aluno a observação de belas paisagens, de ambientes poluídos ou, ainda, de paisagens degradadas, é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, bem como de seu senso crítico”.

Destarte, a prática de campo consolida-se no ensino de Geografia como uma estratégia didática de grande potencialidade formativa com relação ao ensino-aprendizagem por integrar a teoria vista em sala de aula com os fenômenos geográficos e que oportuniza uma perspectiva interdisciplinar com outras questões, como a ambiental, por exemplo.

Assim, é possível através da prática de campo uma abordagem no ensino de Geografia escolar que tenha como objetivo a aproximação dos conteúdos geográficos com a realidade do discente por meio do seu saber prévio, desconstruindo dessa maneira o estigma associado à disciplina de geografia

como sendo sem relação com o cotidiano e, assim, proporcionando um despertar através de um novo olhar sobre a disciplina de Geografia, como ressalta Neves (2010, p. 12):

[...] a utilização dessa metodologia também pode promover a maior significação dos conteúdos e maior aproximação da realidade dos alunos. Além de a contextualização contribuir para o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à ciência, através do reconhecimento de sua importância social, ainda favorece a aprendizagem de conteúdos conceituais, valorizando e estimulando a interação com o conhecimento prévios dos estudantes.

Nesse sentido, a utilização de uma metodologia ganha sentido de inovação dependendo do contexto em que a mesma vai ser utilizada. Dessa forma, pode-se afirmar que para os discentes a participação em uma prática de campo representa uma oportunidade ímpar de adquirir o conhecimento, pois estarão em uma situação didática diferenciada de maneira instigante e interessante.

Deste modo, a prática de campo para o exercício da prática docente se torna um meio essencial para transpor as aulas expositivas, que são necessárias, mas inevitavelmente acabam se tornando cansativas e mesmo limitadas quando utilizadas como única forma de ensino pelo professor, o que pode ser superado com a prática de campo, contemplando a relação entre a teoria e a prática nas aulas de geografia, evidenciando-se como uma exitosa alternativa no processo de ensino aprendizagem.

Entretanto, é necessário também que o professor realize um diagnóstico visando traçar o perfil dos educandos e seus interesses e necessidades, dado que isso é um fator preponderante para a motivação da aprendizagem. Além disso, é fundamental que se faça a abordagem teórica necessária para fundamentar e confrontar concretamente o que se almeja demonstrar, conforme afirma Yves Lacoste: “O trabalho de campo, para não ser somente empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável” (LACOSTE, 2006, p. 91).

É oportuno dizer que a prática de campo também vem a ser uma metodologia de grande apoio para os docentes nas aulas de Geografia no que se refere à construção do olhar geográfico, como salienta Neves (2010, p. 11):

A prática de campo nas aulas de Geografia pode ser um importante aliado do educador ao contribuir para a construção do olhar geográfico dos estudantes. Isto porque acreditamos que uma formação sólida e significativa dos conhecimentos geográficos passa pelo aperfeiçoamento desse olhar ao longo da escolaridade, como meio para compreender gradualmente o espaço geográfico em sua complexidade.

É válido também destacar que a prática de campo é metodologia que implica não somente numa mera “saída da escola”, mas uma atividade significativa desenvolvida na escola e que propicie o desenvolvimento do olhar, que pode ser o olhar geográfico. Enfim, a prática de campo é uma estratégia didática que proporciona uma sólida e significativa vivência para os conhecimentos geográficos e que permite ao discente compreender a ocorrência dos fenômenos geográficos em sua complexidade de forma gradual e concreta vindo a ser uma metodologia pedagógica com grande potencial para o ensino de Geografia.

A prática de campo estimula a autonomia na aprendizagem, permitindo que o discente se sinta protagonista dentro do processo de ensino-aprendizagem, auxilia na socialização entre o professor-aluno e alunos-alunos, tornando a aprendizagem mais dinâmica e prazerosa.

3 A PESQUISA, SEUS SUJEITOS E RESULTADOS

O trabalho de campo constitui atividades que proporcionem a construção do conhecimento em ambiente externo à sala de aula, mas cuja intencionalidade seja proporcionar a observação, descrição de detalhes espaciais e de fatos observados, registro, representação, análise e identificação das relações entre os elementos do espaço, bem como a forma de organização. A partir disso, a pesquisa realizada tinha o intuito de saber como os professores da Rede Estadual de Ensino de Manaus-AM concebem e percebem a prática de campo nos seus cotidianos da sala de aula.

Com relação à caracterização dos professores participantes da pesquisa, mais de 60% deles possuem idade compreendida entre 25 e 35 anos, foram formados nos últimos 10 anos e são oriundos de universidades públicas de Manaus.

Inicialmente, foi identificado que durante a Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio), cerca de 60% dos entrevistados participaram de atividade prática de campo, mas desse percentual, apenas 18% desenvolveram atividades na disciplina Geografia, sendo que os demais afirmam que as atividades de campo foram desenvolvidas no âmbito das disciplinas de História e Biologia. Logo, as referências pessoais com relação à realização de atividades de campo nesse nível de ensino são praticamente inexistentes no que concerne à Geografia.

Contudo, na graduação todos os participantes da pesquisa relataram terem participado de atividade de campo em diversas disciplinas, especialmente, as da área de Geografia Física. Mas, apenas 3% dos pesquisados afirmam que auxiliaram o professor no planejamento dessas

atividades. Essa informação é importante, pois pode explicar porque 83% dos professores alegam que a universidade não os preparou para desenvolver atividades de campo com alunos da Educação Básica. É provável que isso ocorra porque na graduação as atividades de campo são planejadas unicamente pelos professores sem a participação dos alunos nessa fase. Logo, depois de formados eles não se sentem seguros em desenvolver essa metodologia.

De acordo Sternberg (1946, p. 17 *apud* Neves 2010, p. 24) para o trabalho de campo ser eficaz e significativo, esse deve ser dividido em três etapas sucessivas e complementares: (1). Planejamento e organização, (2) Realização e (3) Elaboração dos Resultados. É importante que o aluno tome parte em todas as fases.

A primeira fase deve contemplar as seguintes atividades: definição dos objetivos, seleção do local, visita prévia ao local do campo, elaboração da autorização para os responsáveis, elaboração da ficha de saúde dos alunos, elaboração do roteiro de campo, seleção e preparação do material individual e coletivo, solicitação de autorização do local a ser pesquisado, caso seja necessário, verificação da logística de deslocamento, definição das normas de comportamento, apresentação do projeto aos alunos, preparação teórica e técnica aos alunos na sala de aula e orientação quanto ao vestuário e normas de segurança.

A segunda fase constitui a realização do trabalho de campo. De acordo com Lima e Assis (2004/2005, p. 112), o professor deve optar pelo tipo mais adequado para a realidade da turma, já que existem duas modalidades de trabalho de campo no ensino da Geografia: a visita guiada ou técnica e a excursão didática expositiva de observação, de reconhecimento e de descoberta. É importante destacar que independente do tipo de trabalho de campo, cabe ao professor a tarefa de ser um “caçador de curiosidades” no campo, de maneira que consiga manter a atenção dos alunos e despertá-lo para o desenvolvimento do aprendizado por meio da prática. Dessa maneira é preciso instigá-los a observar, realizar o registro escrito das primeiras impressões percebidas pelos sentidos e dos detalhes das relações observadas entre os elementos do espaço ao longo do desenvolvimento da atividade, coletar amostras, realizar o registro fotográfico, aplicar questionários quando se fizer necessário, realizar entrevistas, mapear e principalmente tecer considerações, questionar, comparar e perguntar sobre a realidade observada.

Por sua vez, a terceira fase constitui a organização dos resultados, é o momento de sistematizar as informações adquiridas durante o desenvolvimento do trabalho de campo. Por isso nessa fase é importante realizar o detalhamento das informações, relacionar os fenômenos

observados *in locus*, com as informações obtidas em sala de aula, estruturar o relatório ou outro meio de apresentação dos resultados que seja mais atrativo e significativo para os alunos.

A pesquisa identificou que os professores desconheciam essas etapas necessárias para o desenvolvimento da atividade de campo, tanto que os 11 professores que realizaram atividade de campo com seus alunos foram unânimes em afirmar que não realizaram visita técnica prévia ao local escolhido para que planejassem eficazmente as atividades a serem desenvolvidas e nem disponibilizaram aos alunos um roteiro de campo com os objetivos da atividade a ser realizada.

Como principal meio de verificação da aprendizagem das atividades de campo realizadas aparece o uso dos relatórios. Isso reflete as experiências dos campos realizados na universidade. Pois, no ensino superior quase que indiscriminadamente são utilizados os relatórios de campo como meio de avaliar. Assim, o professor da Educação Básica perde a oportunidade de utilizar as diferentes linguagens sociais para fomentar na sala de aula a ampliação dos conceitos/conteúdos analisados em campo, contribuindo para aquela situação em que os alunos, para a elaboração de um relatório, buscam apenas informações copiadas, em sua maioria, da internet referentes aos espaços pesquisados. Dessa forma, os alunos não são instigados e solicitados a externarem as dúvidas, as curiosidades e os aprendizados obtidos na realização da atividade. Seria interessante, que ao realizar uma atividade assim, o professor optasse por avaliar através de apresentação de fotografias, mapas mentais, geoclipes, vídeo documentário produzido pelos alunos, jornal falado ou outro recurso e/ou estratégia que despertasse nos alunos o interesse em compartilhar suas percepções relativas às relações existentes entre os elementos do espaço onde a atividade prática foi realizada e que favoreçam um momento de diálogo entre todos aqueles que participaram da atividade.

Quando questionados sobre qual seria o nível de ensino mais apropriado para realizar trabalho de campo, apenas 20% dos entrevistados indicaram essa metodologia para todas as séries, 35% afirmaram ser mais apropriada para o Ensino Fundamental e 45% responderam que esse tipo de atividade deve ser realizada somente no Ensino Médio, pois é quando os alunos possuem uma maior maturidade e responsabilidade.

Foi possível constatar que os professores que afirmaram ter realizado atividade de campo, não a fazem com regularidade e realizaram apenas uma atividade nesse formato durante toda a sua trajetória docente. Apenas dois professores planejam aulas de campo com regularidade a cada ano.

Os motivos alegados para a pouca utilização dessa metodologia foram: elevado número de alunos por turma, muitas turmas por professor, dificuldade de obter transporte gratuito para o deslocamento, distância da escola até o local a ser estudado, indisciplina dos alunos, falta de apoio da administração da escola, dificuldade de formar parceria com professores de outras disciplinas com o intuito de realizar trabalhos interdisciplinares e dividir responsabilidades e receio de acontecer acidentes e serem responsabilizados, aliado à falta de preparo para o planejamento e execução da atividade com os alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de campo vem ao longo do desenvolvimento da Geografia como um procedimento clássico amplamente empregado tanto a nível científico, correlacionada com a produção do conhecimento geográfico, quanto, posteriormente, utilizado como um recurso didático norteado pela observação e contato direto com os fenômenos a que se pretende investigar.

No entanto, no ambiente escolar é uma atividade pouco realizada devido às dificuldades encontradas pelos professores, tais como superlotação das salas, dificuldade de transporte, falta de preparo na formação docente, dentre outros aspectos.

Mas, quando os professores conseguem desenvolver esse tipo de atividade, a fazem baseados em experiências que tiveram na universidade, limitando as possibilidades de interação com os alunos e de ensino-aprendizagem durante e através de todas as etapas e tarefas de planejamento, preparação, execução e avaliação das atividades de campo. Nesse sentido, é importante que as atividades de campo nos cursos de licenciatura em Geografia contemplem as dimensões didático-pedagógicas dessa metodologia de ensino na formação dos professores, preparando-os melhor para utilizar bem a prática de campo em sua prática pedagógica na educação básica.

FIELDWORK IN GEOGRAPHY TEACHING IN BASIC EDUCATION: DIFFICULTIES AND CHALLENGES FOR TEACHERS

ABSTRACT

The present work aims to identify how teachers conceive the fieldwork, describe the difficulties and point out the positive aspects of the development of fieldwork from the perspective of the teachers of Geography. The research was conducted in July 2015, based on information provided by Basic Education Geography teachers participating in the Specialization Course in Geography Teaching Methodology at the State University of Amazonas. In order to guarantee the impartiality in obtaining the data, Simple Probabilistic Sampling was performed. The research revealed that teachers understand that fieldwork stimulates autonomy in learning, allowing the student to feel protagonist within the teaching-learning process, helps in the socialization between teacher-student and student-students, making learning More dynamic and pleasurable. However, they have many difficulties in developing, so much so that there is a regularity in the use of this methodology and in the strategy to evaluate the activity developed.

Keywords: Teaching. Geography. Fieldwork.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História e Geografia. 1.o e 2.o ciclos. Ensino Fundamental. Brasília-DF: Ministério da Educação e Cultura, 2000.

FURLAN, Sueli Ângelo. Técnicas de biogeografia. In: VENTURI, Luís Antônio Bittar. **Praticando Geografia:** técnicas de campo e laboratório. São Paulo: Oficina de Textos, 2005, p. 99-130.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico:** questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral-CE: uma contribuição ao Ensino de Geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral-CE, v. 6-7, p. 109-121, 2004/2005.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadão. **Boletim Paulista de Geografia**: Trabalho de campo, São Paulo, n. 84, p.77-92, jul. 2006.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: Editus, 2010. 139p.

SILVA, Ana Maria Radaelli da. Trabalho de Campo: prática "andante" de fazer Geografia. **Geo UERJ**, Revista do Departamento de Geografia, Rio de Janeiro-RJ, n. 11, p. 61-73, jan. 2002.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia**. 2ª. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

Recebido em 13/12/2016.

Aceito em 23/01/18.